*Ynatkié**

ÍNDIOS KARIRI-XOCÓ NA VEREDAS

"O conhecimento é a semente da experiência de vida que brota em nossa memória" (fala dos antepassados dos Kariri-Xocó).

O conhecimento brilha como o sol do meio dia, que ilumina todos nós, é semente da cultura da grande árvore da floresta. Cada povo tem sua árvore cultural, juntando todas elas, forma-se a "Grande Floresta da Terra", onde as tribos vivem em paz" (Nhenety Kariri-Xocó).

No dia 29 de abril, nossa escola recebeu a visita especial dos índios Kariri-Xocó. Os Kariri vivem no Estado de Alagoas, bem próximos ao Rio São Francisco. A eles se juntaram os Xocó, por consequência da Lei de Terras, ainda no tempo do Império, que acarretou na extinção de muitos aldeamentos pela expropriação de territórios indígenas que aos poucos foram dominados pelos coronéis. A partir de 1870, a maioria dos Xocó da Ilha de São Pedro (Sergipe) foi para Porto Real do Colégio (Alagoas), onde fica a aldeia urbana dos Kariri-Xocó atualmente. Hoje, há aproximadamente 3.500 índios Kariri-Xocó que vivem em duas aldeias, uma urbana "aldeia Kariri-Xocó" e outra aldeia reservada, na Mata Ouricuri, onde se preserva o ritual sagrado, que confere identidade aos Kariri-Xocó.

FOTOS: SABINE FODITSCH Q. DE MOURA

As atividades econômicas da tribo, hoje em dia, são: artesanato, pesca, criação de animais, plantio e manufatura de utensílios de barro pelas mulheres da tribo.

A organização social é estruturada com lideranças de cacique, pajé, conselho tribal, chefes de família, chefes de casa e comunidade.
O cacique é o chefe social, comandante das atividades comunitárias e representante da tribo, coordena o grupo no mundo terreno, em atividades produtivas, de defesa contra inimigos e pratica diplomacia. Como o índio é um ser coletivo, cada um coloca no cacique objetos de suas potencialidades para fortalecer o grande líder do povo (o artesão, o caçador, o pintor fornecem respectivamente o colar de sementes, o cocar e a pintura corporal) desta forma, o cacique torna-se a síntese social, tem a arte e a cultura representadas em seu corpo e assim é identificado por outros grupos.
O pajé, chefe espiritual, vocacionado na cura, dedica-se às tradições da tribo numa relação com o Supremo da Natureza. É sobre-humano tornar-se pajé, porque ele adquiriu um conhecimento do Ser Superior, que está no mundo espiritual. O pajé é considerado pai da comunidade.

Mitos e lendas para os índios são verdades absolutas! O conhecimento é transmitido pela tradição oral. Para a cultura continuar, o conhecimento é absorvido pelas novas gerações, assim como as plantas absorvem água da terra. A fogueira é um catalizador dos encontros e ao redor desta, se conversa sobre todos os assuntos importantes para a tribo.

"Com a dedicação aprofundada a uma atividade humana, temos revelações do conhecimento, é uma luz que brilha na noite escura da ignorância.

A apresentação que foi realizada na Escola Veredas foi o Toré; uma curiosidade é que esta forma de canto e dança expressa os fenômenos naturais do universo tribal e vem sendo apresentada a outros povos desde o século XVI, quando foi, pela primeira vez, apresentada aos jesuítas e mais tarde também comoveu o imperador D. Pedro II.

O grupo que se apresentou na Escola Veredas chama-se Sabuká (galo da selva), é liderado pelo cacique Pawanã, que é um dos caciques em formação na tribo. Sabuká é composto por sete índios jovens, com no máximo trinta anos, que são Pawanã (mestre de cantos fortes); Kayony (vento); Kajaby (sabedoria do pequeno guerreiro), Yarú (flecha ligeira), Yapony (caçador dos grupos), Kaiomy e Kayrá (nomes com significados ainda não revelados).

Segundo Pawanã, as línguas que eles falam são: Dzubukuá, Kipeá e Iatê (ou Yatê). Todas do tronco Macrô-Jê. Os nomes dos índios misturam Dzubukuá e Kipeá.

Pawanã também me ensinou que para os Kariri-Xocó não existe a figura da madrinha e do padrinho, todas as mulheres são mães de todas as crianças (Dê) e todos os homens são pais de todas as crianças (Paitzu)!

Gostaria de agradecer a comunidade pela acolhida do grupo e dizer que entendo a cultura indígena como sabedoria viva. A que acredito ser essencial aprender com ela e visualizo que, dessa forma, podemos caminhar no sentido de um equilíbrio maior com nossa Mãe Terra, encontrando soluções para grandes problemas ambientais e humanos que estamos enfrentando.

Ahow! (eu falei)

Daniela Di Grazia
Mãe do 7ºano e do maternal

Fonte: Fulkaxó ser e viver Kariri-Xocó – SESC
Para saber mais visite: www.karirixoco.com.br e Pawana Crody Kariri Xocó no facebook

Depoimentos de alunos e do cacique Pawanã

"Vieram nos visitar sete índios da tribo Kariri-Xocó para nos contar sobre suas vidas em Alagoas. Eles têm uma cultura bem interessante. Fazem viagens pelo mundo em busca de vendas e também para espalhar sua cultura. Fazem muitos rituais, danças, usam objetos como cocar, instrumentos que eles fabricam. Na tribo deles, há por volta de 3.000 índios e todos cuidando uns dos outros como se fossem todos pais e mães. Mostraram duas danças com músicas deles e uma delas com alguns alunos e ao final de tudo, venderam objetos da tribo" (Beatriz 7º ano).

"A visita dos Kariri-Xocó foi bem interessante. Eles criam gado e plantam para sobreviver e vão vender seus artesanatos fora da tribo para ganhar dinheiro e comprar comida, eles viajam para vários lugares para espalhar pelo mundo sua cultura. Fazem rituais e danças, foi legal também saber como eles lidam com o cuidar dos filhos - diferente de nós - e a importância que os objetos têm para eles" (Mayra 7º ano).

"Eu achei a experiência com os índios Kariri-Xocó muito legal. Eu achei interessante a experiência de assistir uma dança e saber um pouco de outra cultura e eu me senti muito honrada por que esse povo é muito antigo e eles têm um ponto de vista do mundo tão diferente de outras religiões. Há coisas na crença deles que eu acho um ótimo jeito de ver o mundo" (Tainá 7º ano).

"Foi muito bom ter a visita dos índios na escola. Eles nos contaram um pouco sobre como é a vida e o cotidiano deles. Falaram sobre as roupas, que a maioria são saias e sobre o cocar, que eles mesmos fabricam... E também falaram sobre como os índios Kariri-Xocó eram muitos antigamente e hoje, são poucos. Enfim, gostei muito da visita e da dança deles, espero que voltem mais vezes" (Ana Clara 7º ano).

"Essa escola nos deixou muito curiosos por sua estrutura e por seus curumins, professores, diretores e coordenadores. Geralmente, as escolas não passam os verdadeiros conhecimentos da nossa cultura indígena, mas essa nos encantou com sua forma de ensinar as coisas para seus alunos. Tivemos o prazer de tomar o nosso café da manhã junto com os alunos, onde as comidas foram típicas da nossa aldeia. Já tinha muitos dias que não comíamos nossa própria comida. Eles talvez nem saibam o quanto nos fizeram bem. ***Nosso *ynatkié, ou seja, nossa gratidão a todos vocês. Queremos voltar no próximo ano, se for possível"*** *(Cacique Pawanã Crody).*

A Terceira Margem

FOTO: ALEXANDRE MACEDO

JORNAL DA ESCOLA ASSOCIATIVA WALDORF VEREDAS

Número 01/2014

Jornal_01-2014.indd Spread 1 of 4 - Pages(8, 1)

09/06/2014 23:49:46

EDITORIAL

Tal qual as engrenagens de um relógio, assim funciona hoje a equipe de comunicação: uma cadência rítmica e colaborativa, marca de um novo momento!

Por fazerem parte desse processo, gostaríamos de agradecer: aos pais, alunos e professores que encaixaram à correria do dia a dia a tarefa de compor os artigos aqui publicados em primeira mão. Aos nossos parceiros anunciantes, que viabilizaram a impressão.

E um agradecimento especial aos pais e professores que, em outros momentos, mantiveram a comunicação da escola ativa, documentando nossa história.

A todos, nossa gratidão sincera.

Comissão de Comunicação

"... Tomar o aluno carinhosamente pela mão para mais tarde soltá-lo, no devido tempo, confiante para a vida - eis a imagem esperançosa a todos que se interessam por uma renovação da arte pedagógica".

Rudolf Steiner

SALA EM MOVIMENTO

Ao olhar para as crianças atuais podemos enxergar o quanto elas se movimentam. Com esta necessidade, no ano de 2014, a Escola Associativa Waldorf Veredas ousou. Introduzimos no 1º ano a proposta dos bancos com almofadas e a extinção das carteiras e cadeiras.

Os alunos realizam, diariamente, movimentos em um circuito elaborado e montado por eles e pela professora. Exercícios de equilíbrio, coordenação, elasticidade, atenção, lateralidade e força são praticados ludicamente. Cada criança em seu ritmo e destreza tem a oportunidade, através da brincadeira, de evoluir e preencher seu corpo com movimentos mais harmônicos. E assim, com o corpo em prontidão, os pequenos aprendem e se apoderam do conteúdo de maneira plena e íntegra.

O Conto de Fadas é abordado toda manhã e, sentados em um grande tapete vermelho, cada aluno delicia-se com a história que auxiliará no seu crescimento anímico. Esse momento é mágico! Em cada rosto, em cada olhar, fica nítido como cada criança passeia e mergulha na fantasia.

A sala em movimento proporciona uma maior autonomia corporal. O espaço escolar pode ser criado pelos alunos e conforme a necessidade de cada época. As relações sociais são exploradas e exercitadas desde pequenos.

Disposta em círculos ou em forma de V, a sala tem a chance de se olhar, de se aceitar, de se relacionar, e até mesmo de se enfrentar, por que não? E assim vamos formando caráteres virtuosos e verdadeiros, e o papel do professor é facilitar esse aprendizado.

A cada dia vemos e sentimos o quanto nossa decisão foi acertada. Estamos possibilitando a esta sala um aprendizado harmônico e verdadeiro.

Os alunos agradecem!

Renata Antoniette
Professora do 1º ano

FOTOS: ANDRÉ TÖFFOLI RODRIGUES

Muitas vezes, exploramos a parte externa da sala também. Nossos parques favorecem estas atividades e, inserido na natureza, o 1º ano desenvolve-se e amadurece gradativamente.

Neste aspecto, nossa manhã desenrola-se dinamicamente, e a aula torna-se mais viva, atraente e empolgante. Os alunos estão muito motivados no aprender e no fazer. Interessados no conteúdo proposto, têm a chance de vivenciá-lo sempre através do corpo primeiro e depois vamos para o caderno.

Expediente:
A Terceira Margem
Nº 1/2014 - Junho de 2014
Jornal Informativo
da Escola Associativa
Waldorf Veredas

Organização e
Edição: Comissão de
Comunicação

Anúncios: jornalescolaveredas@gmail.com

Textos:
"Alunos, pais e
professores
da Escola Associativa
Waldorf Veredas"

Diagramação:
Camila Vieira

CULINÁRIA NO 5º ANO: COZINHA INDIANA

FOTO: MARIANA BUGANO

No 5º ano escolar, os alunos iniciam seus estudos de História Geral a partir da história das antigas civilizações. Numa transição entre mitologia e fatos históricos, os alunos ouvem histórias da Índia de tempos passados, da Pérsia, da Mesopotâmia e do Antigo Egito, até chegar à Grécia. Constrói-se, assim, uma imagem do processo de desenvolvimento da humanidade que corresponde às biografias das crianças até a idade em que se encontram, por volta dos 11 anos.

A culinária é parte do processo de vivência destas antigas culturas, que contam como o Homem foi se tornando cada vez mais amigo da terra. Este é um tipo de atividade que solicita das crianças uma presença ativa, envolvida e atenta, e que elas realizam com grande alegria e empenho. Além disso, cozinhar para o lanche coletivo da classe é uma oportunidade de colocar-se a serviço do grupo.

Vivenciamos com a Professora Elis uma oficina de culinária indiana. Essa culinária é rica em sabores e odores que se misturam, convidando nosso paladar e nosso olfato para novas experiências sensoriais. Esta é uma forma autêntica de se experimentar um pouco da alma de um povo, cuja cultura foi construída num lugar e num tempo tão distantes da nossa "jovem" cultura brasileira.

Mariana Bugano
Professora do 5ºano

Receitas usada pela Professora Elis em aulas de culinária:

CHUTNEY DE ABACAXI

Tempo de preparo: **20 min**
Rendimento: **8 porções**

INGREDIENTES
- 1 abacaxi maduro, descascado e picado, sem a parte dura
- 1 cebola grande bem picada
- 1 pimenta vermelha, sem sementes, picada (opcional)
- 1 colher (sopa) de Curry (tempero indiano)
- 1 raiz de gengibre descascada e bem picada
- 1 copo de vinagre
- 1 xícara de açúcar refinado
- 1 xícara de açúcar mascavo
- Uvas passas a gosto

MODO DE PREPARO
Leve tudo ao fogo e cozinhe até apurar. Guarde em vidros bem tampados e use como acompanhamento de carnes assadas.

Receita especial para comemorar São João: paçoca de amendoim no pilão!

Tempo de preparo: **1h30**
Rendimento: **50 porções**

INGREDIENTES
- 1 kg de amendoim
- 1 kg de açúcar mascavo
- 1 kg de farinha de mandioca torrada
- 1 colher rasa (de café) de sal
- 1 colher (de chá) de nós moscada ralada

MODO DE PREPARO
Torre o amendoim em 2 etapas na panela de ferro ou leve ao forno em forma de alumínio, mexendo sempre com uma colher de pau.
Abane com a peneira grande para tirar as casquinhas vermelhas.
Soque o amendoim no pilão e adicione aos poucos a farinha de mandioca torrada e açúcar mascavo.
Peneire tudo na peneira fina e ponha a borra de volta no pilão para socar mais vezes sempre adicionando mais farinha e açúcar. Não esqueça a pitada de sal e a nós moscada!
Quando acabar de socar todo o amendoim no pilão, misture a paçoca para ficar homogênea.
Está pronta a mais gostosa das paçocas feita no pilão!

RENASCIMENTO

Assim como uma fênix,
que depois de morta,
renasce das cinzas,
pois até na queda de Roma,
o amor estava presente,
o tempo passa e as coisas mudam...
A vida é feita de mudanças e de esperança.
Algo novo surge, se ergue mais forte,
apesar das dificuldades.
As forças do renascer,
estão dentro de nosso ser.
Somos a fênix da vida.
Tudo se transforma,
nada que acontece é por acaso.
E quando tudo parece acabar,
devemos recolher os estilhaços e recomeçar,
mas é preciso ter fé, força e coragem.
O pilar que sustenta a estrutura,
permanece sempre forte:
um abraço forte, confortante,
carinhoso e aconchegante.
Se a dor é inimiga predominante,
farei dela amiga confidente.
Pra andar a gente cai, machuca e levanta,
mas no final a gente aprende.
Renascer é coragem de escolher nova vida.

Que o renascimento esteja sempre em vosso ninho.

Com amor e carinho, para prof. João e sua família.

Magali Van Spit
(Pseudônimo coletivo do 10ºano)

20 de março de 2014

Jornal_01-2014.indd Spread 2 of 4 - Pages(2, 7)
09/06/2014 23:49:53

OBSERVAÇÃO FENOMENOLÓGICA DA VIDA

A BIOGRAFIA HUMANA

Comemoramos o dia das mães, estive com a minha, oportunidade para revisitar minhas memórias. Congelo este momento, hoje sou aquela figura, que em meu passado era uma das referências para minha meninice. Faço um retorno mais profundo, lembranças do meu "ninho", das sensações mais remotas ligadas à primeira infância, das brincadeiras no quintal, do primeiro dia de escola e assim fiz um caminho até o dia de hoje.

ILUSTRAÇÃO: BANCO DE IMAGENS

Surge o fenômeno, como a cavalinha que eu coloquei na minha bancada e observo diariamente, primeiras raízes, emissão de brotos, crescimento. Mas o fenômeno da minha vida vai além do físico e do vital, consigo perceber meu desenvolvimento anímico e espiritual, como um observador livre de preconceitos, com equanimidade, tento ter a mesma tranquilidade com que observo a cavalinha. E consigo perceber que existem leis que regem este desenvolvimento físico, vital, emocional e espiritual, pois se vou além e olho para as

"En Arché en ho logos"... No princípio era o verbo...

minhas filhas, meus pacientes, meus amigos e parentes, consigo encontrar muitos pontos em comum em várias fases da vida, que vão além do âmbito físico e vital. E também consigo, algumas vezes, reconhecer o que é particularmente meu. Uma trilha carregada de sentido e de processos arquetípicos...

Assim, Rudolf Steiner, em várias palestras, fala a respeito da arquetipicidade cíclica da vida humana, e que posteriormente foram exploradas terapeuticamente por Bernard Lievegoed, médico holandês, e pela Dra. Gudrun Burkhard aqui no Brasil, desde a década de 70. Com a metodologia biográfica, usamos a observação goetheanística dos fenômenos, e este trabalho é higiênico, preventivo e saneador, na busca do sentido de coerência, da nossa verdade espiritual. Ajuda-nos na auto aceitação, na busca de novas motivações e metas, com mais clareza e consciência.

Podemos olhar a biografia humana através dos setênios (ciclos de sete anos). Do nascimento aos sete anos, nasce o corpo físico; este setênio tem relação com o arquétipo lunar, com processos de crescimento, repetição, imitação e deve ser bem marcado por um ritmo, sendo a base da nossa saúde corporal futura. A criança é confiante e isto deve ser muito bem cuidado. A tônica deste setênio é "o mundo é bom". Fica o exercício de olharmos para este setênio, a partir das nossas lembranças, e tentarmos perceber o que possa ou não ter sido superado.

O segundo setênio vai dos 7 aos 14 anos. Neste período da vida, as forças formativas de crescimento são liberadas, emancipadas, e podem agora ser usadas para o aprendizado escolar. Este é um período vinculado ao arquétipo de Mercúrio, quando a criança deixa o âmbito familiar e inicia as relações sociais. O aprendizado permeado com a arte e uma atitude religiosa perante a natureza favorecem a tônica deste setênio, que é "o mundo é belo". Nesta fase, os hábitos são adquiridos. O exercício para este setênio é olharmos como se fundamentaram nossos hábitos e costumes, nossas relações e que adultos ou qualidades permearam estas relações.

O terceiro setênio, que vai dos 14 aos 21 anos, está sob o arquétipo de Vênus, e é a fase da maturação terrestre, quando emancipamos nosso corpo astral (das emoções). Passamos a atuar na sociedade e viver nosso destino. O jovem precisa de adultos verdadeiros e coerentes. Existe uma busca de um ideal e muitas vezes uma tendência à rejeição e ao isolamento. Nesta fase, recomenda-se a leitura de biografias que possam ajudar ao jovem na sua busca por este caminho. O exercício, no trabalho biográfico, pode ser a observação de padrões e a percepção se algumas crises de identidade ainda persistem após esta fase.

Os três próximos setênios são solares e dizem respeito ao desenvolvimento da alma, interface entre o elemento físico e espiritual humanos. Denominamos alma emotiva o período dos 21 aos 28 anos. Este seria como uma extensão do setênio anterior, quando podemos enfrentar o mundo de forma livre e independente, e nossa individualidade trabalha na formação de nossa alma numa nova metamorfose do corpo astral, dando-nos coragem para enfrentar a vida. Esta é ainda uma época de labilidade emocional, de algumas incertezas diante da vida, de muitas oportunidades e vivências.

Dos 28 aos 35 anos, estamos na alma da razão ou afetiva, quando nos encontramos psico e fisicamente em equilíbrio. Nesta fase, muitos dos hábitos e costumes adquiridos no segundo setênio serão reavaliados e, como na lenda do Parsifal, conseguimos finalmente nos desvencilhar de padrões e costumes que possam nos impedir de fazermos a nossa pergunta. Devemos buscar o equilíbrio entre o escutar e falar, entre o feminino e o masculino.

Dos 35 aos 42 anos nos encontramos na fase da alma da consciência, quando o Eu elabora as bases mais inconscientes de sua corporalidade. Este pode ser um período de isolamento, e devemos buscar o auto-cultivo, a aceitarmos e amarmos o nosso destino e do outro. Do nascimento até os 35 anos, do ponto de vista espiritual, fazemos uma imersão na nossa própria corporalidade, e a partir de então passamos a percorrer um caminho inverso, quando se inicia um declínio físico.

Nos próximos 3 setênios, teremos a oportunidade de evoluir espiritualmente. Dos 42 aos 49 anos, seria a fase social, o refinamento do corpo astral, a alma imaginativa, uma nova metamorfose, sob o arquétipo de marte. Forças liberadas do polo metabólico motor estão à nossa disposição para, com muita criatividade, atuarmos socialmente.

No próximo setênio, dos 49 aos 56 anos, alma inspirativa, sob o arquétipo de Júpiter, acontece a metamorfose da alma da razão. Conseguimos reconhecer a nossa beleza interna e com desprendimento e humildade, podemos compartilhar nosso conhecimento. Desenvolvemos uma postura religiosa perante a natureza e à vida, e ampliamos o sentido do que chamamos de oração. Segundo Rudolf Steiner, a criança que aprendeu a rezar saberá, mais tarde, na vida abençoar.

No setênio dos 56 aos 63 anos, entramos na fase de Saturno, quando espelhamos e transformamos o processo de formação do corpo físico que ocorreu durante o primeiro setênio. Neste momento, desprendem-se as forças vitais do sistema neurossensorial, dando a possibilidade de interiorização maior, o arquétipo seria a metamorfose paulatina dos nossos sentidos em virtudes.

A partir deste setênio, as forças formativas criadoras atenuam sua atuação e a influência planetária já não acontece de uma maneira direta. As sutis forças lunares tecidas anteriormente na criança tornam-se livres e se convertem em forças morais, que podem ser transmitidas em forma de energia e saúde para o meio social. Se houve uma certa harmonia neste caminho, desabrocha um sentimento de libertação.

Marieta Marques
Mãe, Médica com ampliação pela Antroposofia, Biógrafa, Diretora Social da Escola Associativa Waldorf Veredas

Sugestões de leitura:
Tomar a Vida nas Próprias Mãos (Gudrun Burkhard);
Amadurecer Luminoso (Norbert Glas);
Fases da Vida (Bernard Lievegoed).

FOTO: ALUNO DO ATUAL 9ºANO

A VIDA ASSOCIATIVA NA ESCOLA WALDORF - UM PONTO DE VISTA

Ser pai ou mãe em uma escola associativa onde vive a Pedagogia Waldorf é uma oportunidade sem igual, que pode ser verdadeiramente transformadora.

Vivenciar o formato associativo já é em si um exercício muito bom e exigente, porém na nossa escola isto ganha uma nova nuance, pois neste caso esta vida associativa está intrinsecamente relacionada ao fato de aqui pulsar a Pedagogia Waldorf, e por isso pulsa também a Antroposofia.

E o que significa isso? Qual a relação entre a vida associativa de uma escola e seu fundamento na Antroposofia? Significa muito, mas muito mesmo, e no meio deste "muito", gostaria de destacar o exercício cotidiano da horizontalidade e fraternidade nas nossas relações. Digo exercício, pois todos sabemos que em nosso dia a dia, esta idéia de fraternidade chega a ser muitas vezes distante, difícil de alcançar. Porém, acredito firmemente que é neste exercício, nesta busca sincera pela fraternidade em nossas relações, que crescemos nós e cresce nossa escola.

E do que se trata esta fraternidade da qual falo aqui? Para entender isso, podemos imaginar um círculo, que como tal, possui um centro bem definido e vários pontos equidistantes em torno dele. Vamos imaginar que este centro é o coração de nossa escola, ou seja, os alunos, seus professores e a relação entre eles. E podemos imaginar que em torno deste centro estamos nós, os pais, cada um em um ponto deste círculo.

Em uma imagem como esta percebemos que não há alguém que se destaca. Estamos todos equidistantes, onde cada um ocupa uma posição diferente do outro, cada um apoia este centro vivo a partir do seu ponto de vista, da sua maneira de ser, da sua disponibilidade, enfim da sua individualidade. E todos são bem vindos, pois se não houver esta grande variedade não existe um círculo. E todos são convidados a participar e atuar, na medida da sua possibilidade, pois na fraternidade verdadeira, cada um faz o que pode e isto varia muito entre nós, pois somos diferentes, temos rotinas e demandas particulares.

Dentre nós, existem os voluntários que se dispõem a assumir, de forma rítmica e alternada, tarefas de liderança, seja nas comissões, diretorias ou outras iniciativas da escola, não com intenção de se sobrepor e sim de servir, apoiar o centro vivo.

Desta imagem, também é fácil perceber que, se existem posições no círculo que são opostas, em uma fraternidade verdadeira não é necessário que todos pensem de forma igual, concordem todo o tempo. Ao contrário, da soma das diferentes opiniões é que se chega a um consenso, que certamente é mais verdadeiro do que quando somente um dos pontos de vista prevalece.

E ai vem talvez um dos maiores exercícios que vivenciamos em nossa escola, seja em reuniões de comissão, de classe, reuniões individuais com o professor, etc. De um lado, saber colocar e apresentar seu ponto de vista e de outro, saber de fato ouvir, esquecer-se um pouco de si mesmo e se colocar na perspectiva do próximo. Se todos fazemos isso, algo novo muito positivo pode surgir e evitamos aquelas conversas intermináveis, onde o que se quer é fazer valer a própria opinião, ao invés de buscar pelo melhor em cada situação que se precisa resolver.

Assim, viver o dia a dia da nossa escola pede esse equilíbrio entre se colocar, se posicionar e saber ceder, para assim encontrar o outro. Neste caminho, aprendemos muito sobre nós e sobre o próximo. Neste exercício, exigente, difícil e muitas vezes doloroso, experimentamos uma forma muito moderna e fraterna de convivência, onde temos uma imensa possibilidade de crescimento e de transformação.

Por isso, nesta escola em que crescem nossos filhos, também podemos crescer todos os dias.

Maria Cecília Serafim
Mãe do 3º ano

Jornal_01-2014.indd Spread 3 of 4 - Pages(6, 3)
09/06/2014 23:50:03

LIMITES:

UM DOS GRANDES DESAFIOS DE NOSSA ÉPOCA

ILUSTRAÇÃO: CAMILA VIEIRA

Assim como os limites físicos do espaço e do ambiente que envolvem a criança no seu crescimento, podem trazer a ela segurança e calma, entender que nem sempre se pode fazer tudo que se deseja na vida, também pode trazer confiança e tranquilidade a ela. O primeiro ambiente, o primeiro "berço" da criança é a própria mãe; o segundo é sua casa; e assim, no decorrer de seu crescimento, outros entornos vão se formando. Qual a qualidade dos "ambientes" que estamos oferecendo, hoje em dia, para as crianças? Esta pergunta é fundamental para compreendermos as crianças de hoje e refletirmos sobre a questão dos limites.

Colocar limites é trabalhoso, principalmente quando estamos cansados ou ocupados. Parece ser muito mais fácil deixar a criança fazer o que quiser. Porém, acreditamos que estabelecer ritmo e disciplina amorosa em um lar, nos convida a sermos constantes e coerentes nas regras que propomos: "O que não pode, não pode mesmo". Portanto, uma boa educação sempre vem acompanhada de uma autoeducação. Estabelecer limites é apresentar para as crianças com firmeza e clareza, as regras da casa.

Ao dizer "não", muitas vezes, tememos que nossos filhos deixem de nos amar, criem uma mágoa pela raiva provocada no momento, ou, muitas vezes, nos culpamos pelo pouco tempo que com eles ficamos e aí acabamos permitindo mais do que realmente gostaríamos. Mas o que acontece é exatamente o contrário: a criança precisa e nos pede por limites o tempo todo, a questão é percebermos isso. Mesmo quando ela nos desafia, nos pede insistentemente coisas para comprar ou fazer, temos muitas vezes a sensação de que se não atendermos a insistência, o desafio ou a má-criação não terão fim. E aí, o que geralmente acontece? Cedemos, compramos, aceitamos. E depois a mesma cena mais uma vez acontece, e vai num crescendo até que chegamos ao ponto em que parece não termos mais força de dizer um não, de colocar um limite.

Entendemos que o grande desafio para nós, pais e educadores, é justamente entender e perceber que estes insistentes apelos, muitas vezes, expressando exigências, podem ser, na verdade, "pedidos" ou "lembranças", que as crianças inconscientemente nos fazem, para que nós, adultos, percebamos suas necessidades. Por exemplo, às vezes, muitos pedidos de alimentos sem nutriente algum são um lembrete para que cuidemos de sua alimentação; ou quando elas "aprontam", pode ser que precisem de mais atenção naquele momento.

O desafio não é pequeno! Mas tenha certeza que, a partir do momento em que a criança for sentindo que os limites, na verdade, lhe dão segurança e autoconfiança, desenvolverá no decorrer de sua vida, uma enorme gratidão, amor e respeito pela vida e por aqueles que a educaram!

Reflexão sobre limites

"Limites, sim ou não? Antigamente, ninguém sequer discutia o assunto. Criança não sabia e, portanto, precisava aprender. E nós, adultos, tínhamos de ensinar. De maneira que, por exemplo, quando o menino fazia algo errado, respondia mal à vovó, agredia um coleguinha ou não queria fazer o 'dever de casa' os pais não tinham dúvidas – agiam, corrigiam, 'davam castigo' - muitos até batiam" (ZAGURY, 2001, p.13).

Aos poucos, a educação foi se transformando. As crianças, que antes não eram ouvidas nem respeitadas, começaram a ter, no meio familiar, um lugar justo. Os adultos passaram a perceber que elas tinham gostos e aptidões próprias, indisposições e sentimentos iguais a eles. Assim, o relacionamento entre pais e filhos melhorou e o autoritarismo de antes foi substituído pela democracia.

Mas, como já ouvimos dizer, "a virtude está no meio". Observamos que os pais de hoje, acreditando na democracia, perderam um pouco o parâmetro e exageram na dose. Portanto, para conseguirmos ser educadores modernos, sem perder a autoridade e poder dar às crianças a visão do outro como seu igual na sociedade, precisamos ensinar que existem regras a serem cumpridas e limites a serem respeitados. Aos poucos, a criança vai aprendendo como agir no mundo, e, através de regras, claras ela irá se adequando em seu ambiente. Limites trazem a condição para que cresçam aptos a conviver em sociedade, respeitando as pessoas e as leis.

"Limite é a nova palavra de ordem dos pais que investem conscientemente no crescimento emocional e na boa educação das crianças. A era do excesso de liberdade está no fim. Pesquisadores – e a prática cotidiana – mostram que os pequenos querem mesmo é alguém adulto pra lhes dizer o que podem e o que não podem fazer" (CAPELATTO, 2006, p.43).

Quando estamos calmos e tranquilos, as birras não nos atingem; fazem com que entendamos melhor as dificuldades de nossos filhos em aceitar os limites.

O dizer "não" ou dizer "sim" não significa castigo, temos que estar tranquilos e seguros ao dizer essas duas palavras e ter a certeza de que corrigimos nossos filhos para que se tornem homens de bem e que no futuro saibam escolher entre o bem e o mal.

O adulto sabe o que é bom para a criança. Se está frio, claro que precisa se agasalhar; ao se alimentar, o adulto sabe o valor dos alimentos e o que é necessário no dia a dia; criança precisa dormir cedo, é o princípio da saúde física e emocional, e quem sabe sobre essas coisas são os adultos. Assim, nossas queridas crianças vão aprendendo, através da imitação, a fazerem as escolhas certas, quando necessário.

Algumas formas de limites como reflexão para pais e educadores:
Ensinar que os direitos são iguais para todos;
Fazer a criança compreender que seus direitos acabam, onde começam os direitos dos outros;
Mostrar que muitas coisas podem ser feitas e outras não podem ser feitas;
Fazer a criança ver o mundo com uma conotação social (com-viver) e não apenas psicológica (o meu desejo e o meu prazer são as únicas coisas que contam);
Ensinar a tolerar pequenas frustrações no presente para que, no futuro, os problemas da vida possam ser superados com equilíbrio e maturidade (a criança que aprendeu a esperar sua vez de ser servida à mesa, amanhã, não considerará um insulto pessoal esperar a vez na fila do cinema ou aguardar uma promoção);
Desenvolver a capacidade de adiar satisfação (se não conseguir emprego hoje, continuará a lutar sem desistir);
Dizer "sim" sempre que possível e "não" sempre que necessário;
Só dizer "não" aos filhos, quando houver uma razão concreta;
Evitar que seu filho cresça achando que todos no mundo têm que satisfazer seus mínimos desejos e, se tal não ocorrer, não conseguir lidar bem com a menor contrariedade, tornando-se, aí sim, frustrado, amargo ou, pior, desequilibrado emocionalmente.
Saber discernir entre o que é uma necessidade dos filhos e o que é apenas desejo;
Cumprir sempre o que disser;
Deixar claro o que pode e o que não se pode fazer;
Criticar o ato e nunca a criança;
Não negociar – "Venha tomar banho, que depois você assiste um desenho enquanto janta". Isso não é limite;
Suportar a ira dos pequenos, sabendo que é fundamental para o seu desenvolvimento emocional;
Ensinar que a cada direito corresponde um dever e, principalmente...
Dar o exemplo (quem quer ter filhos que respeitem a lei e os homens, tem de viver seu dia-a-dia dentro desses mesmos princípios – ainda que a sociedade não tenha apenas indivíduos que agem dessa forma) (ZAGURY, 2001, p.23 e 24).

Ana Isabel Maroja e Regina Maria Lapadula
Professoras do Jardim

A EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA WALDORF

FOTO: RICARDO LARA DE MORAES

"Forças espirituais trabalham primeiramente na plástica do corpo humano, e nós como educadores somos chamados a trabalhar juntos, somos chamados a olhar não somente o corporal, mas - apesar de que nunca devemos descuidar o corporal - olhar para esse corporal de modo tal, como trabalha nele o espírito, colaborar conscientemente com o espírito inconsciente, enquadrar-nos não somente na ordem natural universal, mas na ordem universal divina."
Rudolf Steiner

O estudo do Homem e as fases evolutivas do ser humano destacam-se como partes essenciais e como diretrizes para o professor de educação física na escola Waldorf. Deve-se respeitar o tempo da criança e em que fase evolutiva ela se encontra ao elaborarmos o currículo de educação física, para não anteciparmos conteúdos que elas ainda não estão prontas para receber, que ainda não são plenamente capazes de assimilar. "Tudo tem seu tempo".

O corpo físico é um instrumento da alma e por isso precisa ser bem cuidado! Devemos realizar movimentos plenos de sentido (movimentos que não são unicamente orientados fisiologicamente). Quando nos movimentamos, estamos exercitando a veracidade no corpo que será apropriada pela alma.

Através do seu sistema motor, a criança conquista orientação espacial e percepção do tempo. Podemos dizer então que a educação do movimento é, de um lado, um princípio presente em todas as matérias escolares, e de outro, a educação física constitui elementos essenciais da educação como um todo. Quando damos ênfase à qualidade do movimento adequado à idade, estimulamos a saúde dos órgãos, a cooperação e capacitamos as crianças para uma crescente habilidade no uso do seu corpo. O aumento da capacidade física, em combinação com as vivências interiores, reflete diretamente na estabilidade psíquica da criança. Socialmente, a criança aprende através das aulas, a respeitar o colega, a cooperar, a esperar sua vez, a dar atenção aos outros. São principalmente os jogos que fornecem a base para a criança se integrar socialmente e desenvolver o sentimento de responsabilidade pelo grupo e pelo próprio papel no grupo.

Nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, as aulas de jogos são ministradas pela professora de classe que deve estimular o brincar, com cantigas de roda e cirandas ritmadas, onde a fantasia é o fator predominante.

A partir do 3º ano, começa a Educação Física propriamente dita. Agora, a qualidade dos movimentos está em primeiro plano e as crianças ainda necessitam do estímulo de imagens e das palavras ritmadas. Mas por que Educação Física somente a partir do 3º ano? Com a chegada dos nove anos de idade, ocorre a transformação do brincar para o exercitar. A criança quer se movimentar pela força do corpo etérico, mas sozinha ela não consegue. O movimento pelo movimento não interessa mais à criança, assim como movimentos arbitrários, sem sentido, só para gastar energia, mas sim movimentos com ritmo e harmonia.

Na Ginástica Bothmer (ciranda do 3º ao 5º ano e ginástica do 6º ao 12º ano), a vivência dos movimentos e a orientação espacial são importantes. No Atletismo, o aluno vivencia o esforço dos movimentos naturais do ser humano, como o correr, saltar, arremessar. Na Ginástica Artística (Olímpica), o jovem vivencia a adaptação de objetos externos. No Jogo, o aluno deve dominar uma seqüência de movimentos no espaço para que possa atingir um objetivo, bem como saber trabalhar em equipe.

Como vimos, a adequação dos conteúdos nas aulas de educação física de acordo com as fases evolutivas da criança constitui fator preponderante para que possamos formar um homem de pensar claro, fisicamente saudável e animicamente livre.

"Quem está brincando não perdeu o céu, quem se exercita ainda não o esqueceu, e quem trabalha já o deixou e luta para reconquistá-lo." Jochen Nietzold.

Juliana Filette da Silva
Professora de Educação Física

Chaib Advogados Associados
Adriana Chaib de Castro Santos
Advogada - OAB/SP 115.230
(19) 3203 2914 e (19) 99787 5700
adrianachaib@yahoo.com.br
ESCRITÓRIO
Rua dos Alecrins, 534, sl 16 - Cambuí
13 024-410 - Campinas - SP

Essence travel & business
Um mundo de possibilidades!
19 2513-5353 | 98184-6400
essence@essecetravel.com.br
www.essencetravel.com.br

BRINQUEDO DE GENTE
Brinquedos Educativos
(19) 3251-8733
R. Antonio Lapa, 422 - Cambuí
Campinas SP - CEP 13025-241
www.brinquedodegente.com.br
brinquedodegente@terra.com.br
fb.com/brinquedodegente

Espaço Terapêutico CLARALUZ
Antonélla Aggio
CRP 06/53537-6
Psicóloga
Aconselhadora Biográfica
(19) 98278 3854
antonella@espaclaraluz.com.br
Lais Herrera
Terapia Artística
(19) 98278 3854
lais@espaclaraluz.com.br

Jornal_01-2014.indd Spread 4 of 4 - Pages(4, 5)
09/06/2014 23:50:05